



Ano I Nº 304  
05 de Novembro de 2008

### Índice

Senhores Banqueiros, liberem o crédito!	01
Nota oficial da Contraf sobre a fusão do Itaú e do Unibanco	02
Realidades do diálogo social no Brasil e na Alemanha	03
CNM se solidariza com IG Metall	04
Proposta de fusão GM-Chrysler se intensificará após eleição	05
A conta da crise já chegou aos trabalhadores	06

## INTERNACIONAL

### Senhores Banqueiros, liberem o crédito!

Metalúrgicos da CUT realizaram um grande ato em frente ao Banco Real na Avenida Paulista para cobrar de banqueiros a liberação de crédito para fomentar a economia em todo o país

"Banqueiro deixe o país crescer" e a "Crise não é nossa" foram algumas bandeiras que marcaram o ato da CUT nesta terça-feira, dia 4, em frente ao Banco Real (local onde fica o escritório do presidente da Febraban, Fábio Barbosa), na Avenida Paulista.

O protesto reuniu milhares de militantes e dirigentes dos sindicatos dos bancários, dos metalúrgicos filiados à Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM), FEM/CUT-SP, CUT-SP e CUT Nacional.

De forma bem humorada, os metalúrgicos do ABC levaram o crédito aprisionado e o banqueiro especulador demonstrando aos bancos que liberassem o crédito que é fundamental para fomentar a economia, alavancar a produção e continuar o ciclo de geração de emprego e distribuição de renda.

Os bancários de São Paulo também encenaram uma esquete na qual explicavam de forma bem humorada como funciona o processo econômico no mundo. "Os bancos têm que fazer a sua parte e parar de esconder o crédito e de pensar apenas nos seus interesses", disse Artur Henrique, presidente Nacional da CUT.



O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, **Sérgio Nobre**, salientou que o movimento dos trabalhadores ganhará as ruas de todo o país. "O Brasil precisa crescer, gerar emprego e nós não abrimos mão disso", frisou.

Também participaram do protesto o diretor executivo da CUT, **José Lopez Feijóo**, o secretário-geral da CUT-SP, **Adi dos Santos Lima**, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté, **Isaac do Carmo**, os diretores da FEM/CUT-SP, **José Carlos e Gonçalo**, e vários dirigentes dos sindicatos metalúrgicos filiados. >>>

## Documento e 5ª Marcha

Durante o protesto, as lideranças sindicais protocolaram documento ao banco Real, em nome do presidente da Febraban Fábio Barbosa, relatando as reivindicações da classe trabalhadora.

**Luis Cláudio Marcolino**, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, frisou que a crise no mercado mundial, desencadeada pelos EUA, não é do Brasil e, por isso, o país tem que continuar a crescer e combater a especulação.

O presidente da FEM/CUT-SP, Valmir Marques (Biro Biro), uma das entidades que ajudaram na organização da atividade, disse que a crise mundial não afetou o país, mas se os banqueiros continuarem travando o crédito as consequências serão preocupantes.



"O governo adotou medidas para otimizar a economia e protegê-la contra esta crise, portanto, o sistema financeiro tem que mudar esta posição. Vamos continuar a nossa pressão. A defesa da geração de empregos e da melhoria da renda será uma das nossas reivindicações na 5ª Marcha Nacional da Classe Trabalhadora da CUT (que acontecerá no início de dezembro, em Brasília)", concluiu. (FEM/CUT-SP e contribuição de Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT)

## Nota oficial da Contraf sobre a fusão do Itaú e do Unibanco

A Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT) manifesta grande preocupação com a fusão entre os bancos Itaú e Unibanco, anunciada nesta segunda-feira 3 de novembro, por entender que a concentração bancária no Brasil é prejudicial para a economia, para os clientes e usuários e também para os bancários.

A crescente concentração é ruim para os clientes e usuários porque diminui a competição no sistema financeiro nacional, fortalece excessivamente os grandes bancos e diminui a possibilidade de redução dos juros ao consumidor, do spread e das tarifas e taxas bancárias.

É prejudicial para a sociedade porque o sistema financeiro nacional, além de cobrar os juros mais altos do mundo, é um dos que menos fornece crédito aos setores produtivos da economia. A grande concentração de recursos e de poder nas mãos de poucos grandes bancos pode acentuar essa tendência, que contraria a razão da existência do próprio sistema financeiro.

Por último, a concentração do sistema financeiro representa um risco para os empregos e para os direitos dos trabalhadores bancários, como historicamente demonstram as fusões ocorridas nos últimos anos, sobretudo as conduzidas pelo Banco Itaú.

A Contraf/CUT vai se reunir com o Banco Central e com Cade para solicitar que exijam dos dois bancos contrapartidas para que a fusão não traga efeitos prejudiciais para a sociedade e para os clientes e usuários.

E já solicitou negociação com as diretorias do Itaú e do Unibanco para discutir a fusão e buscar um acordo para evitar que ela tenha impactos negativos tanto no nível de emprego como nas taxas de juros, nas tarifas e na oferta de crédito, para que a economia brasileira continue crescendo e sofra os mínimos efeitos possíveis da crise internacional iniciada no sistema financeiro norte-americano.

A direção da Contraf/CUT

## Realidades do diálogo social no Brasil e na Alemanha

Seminário realizado na quinta-feira, 30 de outubro, aprofundou o debate sobre diálogo social a partir de experiências concretas desenvolvidas nos dois países

O evento, promovido pela Fundação Friedrich Ebert (FES), teve o apoio do GT Diálogo Social (composto pelo Instituto Observatório Social, Dieese, Instituto Ethos, Primeiro Plano, Abong e Oxfam), teve a participação do secretário-geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), Valter Sanches.



O secretário-geral da CNM/CUT, Valter Sanches criticou a postura das empresas alemãs em outros países

Participaram do encontro, lideranças sindicais envolvidas em processos de diálogo social, membros de comitês e redes sindicais em empresas multinacionais e foi aberto a lideranças sociais e entidades de apoio e pesquisa envolvidas com a temática.

Entre os questionamentos que foram levantados durante o evento, discutiu-se os pressupostos e mecanismos possíveis para o diálogo; no que o diálogo pode avançar em relação à negociação "tradicional"; e em que medida o diálogo social pode ser um elemento de um novo modelo de desenvolvimento e parte de um sistema mais democrático de relações de trabalho.

Durante sua participação, Valter Sanches lembrou a velocidade com que as empresas se adaptam ao local onde passa a atuar, por mais que haja políticas de diálogo social mais avançadas e postas em prática em seus países de origem. "Se o lugar exige um prato de comida como pagamento, as empresas pagam apenas isso e não um salário. Então o diálogo social das empresas existe mais na teoria do que na prática. As empresas se comportam como qualquer outra entidade capitalista. Umas menos e outras mais", afirmou.

Sanches afirmou que atualmente no país há uma série de empresas alemãs que realizam o diálogo social e acabam colhendo bons frutos no relacionamento junto aos sindicatos e aos trabalhadores. "Montadoras como a Daimler (Mercedes-Benz) e Volkswagen são dois exemplos de empresas que mantêm diálogos em alto nível. Já na cidade de Salto, há o exemplo da Brose ([leia aqui](#)), que age de maneira completamente diferente e se nega a ter qualquer tipo de conversa com o sindicato local", frisou.

O seminário contou ainda com as participações de Christian Ramos Veloz (Especialista em Normas Internacionais do Trabalho da OIT), Ângelo Tavares (Diretor do Sindicância Belford Roxo e membro da coordenação da Rede Sindical na Bayer), Kjeld Jakobsen (Consultor do Instituto Observatório Social), Adilson Signarini (Diretor de Recursos Humanos do Grupo ThyssenKrupp Technologies no Brasil e Diretor do Sindicato Nacional das Indústrias de Autopeças), Odilon Faccio (Revista Primeiro Plano/GT Diálogo Social), Mike Fichter (Free University Berlim) e Clemente Ganz Lucio (Diretor Técnico do Dieese). (*Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT*)

### UE anuncia créditos baratos para a indústria automobilística

A União Européia anunciou que disponibilizará créditos a juros baixos à indústria automobilística para a produção de veículos mais econômicos e menos poluentes. O anúncio foi feito pelo presidente da Comissão Européia, José Manuel Barroso, após reunião com os presidentes das grandes montadoras européias em Bruxelas.

Os créditos num total de cerca de 40 bilhões de euros serão financiados pelo Banco Europeu de Desenvolvimento. Em função disto, Barroso instou os 27 países-membros a aumentar o capital do banco, o que a Alemanha rejeitou. (lk) (*DW, 29.10.2008*)

**IG Metall:**

## **Metalúrgicos alemães entram no quarto dia de paralisações**

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), enviou carta de solidariedade aos companheiros europeus



Os trabalhadores no setor metalúrgico alemão realizaram nesta quarta-feira (5), o quarto dia de greves de advertência com paralisações intermitentes e seletivas. Logo nas primeiras horas da manhã, milhares de pessoas haviam se somado aos protestos.

O presidente do sindicato IG Metall, Berthold Huber, advertiu que se até a próxima terça-feira (11) não houver acordo, será declarada greve por tempo indeterminado.

As paralisações da quarta foram mais específicas do que as realizadas no dia anterior, quando mais de 162 mil trabalhadores se somaram às greves.

Um dos pontos centrais das ações de protesto desta vez foi, segundo anunciou o sindicato, a sede da montadora Opel (GM da Alemanha) em Rüsselshheim, mas também em outras plantas da companhia.

## **CNM/CUT escreve carta de solidariedade aos companheiros alemães**

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos, sabedora da luta dos metalúrgicos tedescos por meio das greves de advertência, enviou uma carta de solidariedade ao IG Metall, prestando apoio irrestrito junto aos companheiros europeus.

Aos Companheiros e Companheiras do IG Metall,

Ao companheiro Berthold Huber,

Como vocês estão realizando os avisos de greve, por favor recebam a carta de solidariedade dos metalúrgicos brasileiros.

As companhias multinacionais têm lucrado como nunca antes nos últimos anos, através da flexibilização, racionalização, redução, terceirização, deslocamento para regiões e países de "baixo custo" e o trabalho precário em geral. Agora, pensam que encontraram a desculpa que tanto queriam: a conjuntura da crise financeira global.

É claro que os trabalhadores sabem o quanto isto é sério, mas eles também sabem que a melhor maneira de combater os efeitos da crise é a distribuição da riqueza pelos salários. Isto explica o porquê da demanda do IG Metall ser mais do que justa.

As normas e as lutas do IG Metall são sempre bons exemplos que todos nós tentamos seguir. Desejamos a vocês sucesso na luta coletiva.

A CNM/CUT informará aos trabalhadores brasileiros (principalmente nas companhias alemãs) sobre a greve de vocês e pediremos para que não aceitem qualquer tipo de produção extra que possa eventualmente prejudicar vossa greve. Vocês podem contar com o apoio de 1,2 milhão de trabalhadores metalúrgicos que nós representamos.

Vossa luta é nossa luta!

Em solidariedade,

Carlos Alberto Grana - presidente CNM/CUT

Valter Sanches - secretário-geral CNM/CUT

## **Sindicato alemão obtém primeira vitória**

O sindicato dos metalúrgicos da Alemanha conseguiu sua primeira vitória na queda de braço com as empresas do setor e fechou acordo com a Volkswagen relativo ao futuro de 9,2 mil funcionários. A fabricante concordou em absorver como funcionários, a partir de 1º de janeiro do ano que vem, 4,2 mil operários que faziam parte da subsidiária Auto 5 mil e que atuavam nas linhas de montagem dos modelos Touran e Tiguan. Criada em junho de 2006 em parceria com o governo, a Auto 5 mil tinha o objetivo de empregar profissionais que estavam fora do mercado há mais de dois anos.

A empresa também aceitou aumentar em três etapas, a partir de janeiro, os salários de 5 mil operários temporários que trabalham em seis fábricas na região Oeste da Alemanha. Os trabalhadores receberão € 13,70 por hora no primeiro semestre, € 15,30 a partir do sétimo mês e € 16,96 depois do 19º.

Para Hartmut Meine, líder do sindicato na Baixa Saxônia, o acordo foi um excelente compromisso: "Demos um passo decisivo para atingir nosso objetivo de obter níveis salariais iguais". (*Autodata, 05.11.2008*)

## **Proposta de fusão GM-Chrysler se intensifica após eleição**

As conversas para uma possível fusão da General Motors com a Chrysler devem se intensificar na próxima semana porque as duas empresas querem a ajuda do governo para possibilitar o acordo.

A GM está negociando com o grupo Cerberus Capital Management, mas a proximidade das eleições paralisou as conversas com o governo. As duas montadoras estão pressionando o governo para conseguir créditos de 10 a 12 bilhões de dólares.

O UAW, o sindicato dos trabalhadores automotivos, que se opõe, em princípio, ao acordo, já está se preparando para as negociações. Ele contratou Stephen Girsky, um ex-dirigente da GM e atual analista do setor automobilístico da Morgan Stanley, para assessorar o sindicato nas difíceis negociações.

A tentativa da Chrysler para se fundir com outra empresa automotiva pode ser vista como totalmente ilegal diante do acordo recém assinado com o UAW. No acordo, a Chrysler se comprometeu a "não fechar, nem parcial nem totalmente, ou dispor de qualquer forma qualquer das plantas da empresa, patrimônio ou unidade de negócios". E o acordo também garante que "nenhum trabalhador será dispensado", exceto em circunstâncias muito especiais. A venda da empresa, com o consequente fechamento de fábricas e demissão em massa de trabalhadores, é totalmente irregular.

## **Funcionários encerram greve de 58 dias na Boeing**

Os metalúrgicos da Boeing aceitaram a proposta da empresa, ratificada na semana passada por seu sindicato, e voltaram ontem ao trabalho após uma paralisação de 58 dias. O prejuízo da companhia com a greve ultrapassou os US\$ 4 bilhões, segundo o sindicato da categoria, entre negócios não realizados e multas por atraso na entrega de aeronaves. Nesses quase dois meses de paralisação, nenhum avião foi enviado a clientes.

No total, voltam ao trabalho 27 mil empregados, que estavam em greve desde o dia 6 de setembro. A falta de entendimento entre empregados e empresa se dava, principalmente, em relação à intenção da Boeing de se manter aberta à possibilidade de transferir para fornecedores ou para o exterior partes de sua produção. Para os sindicalistas, isso seria prova de uma suposta estratégia da Boeing de eliminar, no longo prazo, mais e mais postos de trabalho nos EUA.

"Estamos ansiosos por ter nosso time de volta para retornarmos ao trabalho de construir aviões para nossos clientes", afirmou o presidente e executivo-chefe da Boeing Aviação Comercial, Scott Carson. "Esse novo contrato atende às exigências de estabilidade no emprego do sindicato e ainda mantém a flexibilidade necessária à Boeing para conduzir seus negócios. Ele recompensa os empregados por sua contribuição a nosso sucesso com um salário de ponta na indústria e com benefícios que nos permitem continuar competitivos", completou.

Pelo acordo, será concedido um aumento médio de 15% em quatro anos, com uma elevação imediata de 16% nos fundos de pensão e abonos de no mínimo US\$ 8 mil. O novo contrato é válido pelos próximos quatro anos, o que, segundo a Boeing, é um tempo maior do que o que normalmente se compromete com o sindicato e que aumenta a estabilidade de seus funcionários. (José Sérgio Osse) (*Valor Online, 03.11.2008*)

## A conta da crise já chegou aos trabalhadores

Nem a crise é igual para todos. Parte das perdas bilionárias dos fundos de pensão nunca será recuperada. No Brasil, as perdas totais dos 350 fundos de pensão complementar superaram até outubro os R\$ 40 bilhões, segundo a Secretaria de Previdência Complementar. Salvou-nos de um desastre maior, a demora do governo em autorizar os fundos a aplicar no exterior.

### Bernardo Kucinski

Mesmo sem recessão, trabalhadores de muitos países já estão pagando a conta maior da crise. E a baixa classe média também. O prejuízo sentido por quem aplicou em ações é só o mais evidente. O mais pesado e socializado dos prejuízos depois do dinheiro do contribuinte usado para capitalizar bancos, é o dos fundos de pensão.



No Brasil, 36% do patrimônio de R\$ 460 bilhões dos fundos de pensão estão aplicados em bolsa, segundo o Conselho de Gestão da Previdência Complementar. Isso, sem contar os fundos de geração de benefícios livres, os VGBL, geridos pelos bancos comerciais com incentivo fiscal, alguns dos quais aplicam parte de seus recursos em ações. Com as enormes perdas deste ano", "só um milagre permitiria aos fundos de pensão cumprir suas metas atuariais este ano", avalia o diretor de investimentos da Previ, Fábio Mozar. As perdas totais dos 350 fundos de pensão complementar superaram até outubro os R\$ 40 bilhões, segundo a Secretaria de Previdência Complementar. Salvou-nos de um desastre maior, a demora do governo em autorizar os fundos a aplicar no exterior. Entre as mais afetadas está a Previ que aplicou 65% do seu patrimônio em renda variável. Seu patrimônio encolheu de R\$ 140 bilhões de reais em maio para R\$ 125 bilhões em setembro .

Nos Estados Unidos a perda dos fundos de pensão é astronômica: US\$ 2 trilhões, cerca de 20% do valor patrimonial , segundo estudos do Congresso americano. Na Coreia do Sul, o Fundo Nacional de Aposentadoria, o quinto maior do mundo, já havia perdido 1% do seu patrimônio até agosto, sem contar com o que vai perder de 105 milhões, aplicados em bancos americanos, dos quais US\$ 60 milhões em ações e títulos do Lehman Brothers e do Merrill Lynch e mais US\$ 39 milhões perdidos em hipotecas da Fannie Mae e Freddie Mac.

Na Nova Zelândia, as autoridades revelaram perdas em dois dos maiores fundos de pensão o New Zeland Superannuation Fund (1%) e o Government Superannuation Fund ( 6,7%).

Um dia, parte do valor das ações vai se recuperar. Mas para muitos trabalhadores mais idosos, na faixa dos 60, prestes a se aposentar, não vai dar tempo. Se forem participantes de planos em que o valor do benefício não é fixo, ou adiam sua aposentadoria por mais alguns anos, até que o valor das ações se recupere, ou se contentam com uma renda complementar menor. Nos planos de valor definido, o benefício é mantido na íntegra, mas as empresas terão que descobrir formar de tapar o buraco, obviamente aumentando os preços de seus produtos ou serviços – o que vai indiretamente em cima do povo – ou reduzindo salários futuros.

E o que dizer dos que gastaram seu dinheirinho nos fundos multi-mercado ou usaram seu FGTS na compra de ações? Quem vendeu no pânico por menos do que pagou, já perdeu. Mas ricos e classe média alta, aproveitam justamente a crise para aumentar suas carteiras de ações a preço de pechincha. São eles que estão comprando as ações que trabalhadores e remediados estão vendendo.

O bilionário americano Warren Buffett, retratado pela mídia como um herói, aproveitou para abocanhar uma fatia do Goldman Sachs, por US\$ 10 bilhões, e já está comprando empresas da Islândia, quebrada pela crise. Pechinchas, para sua fortuna de 60 bilhões de dólares, a maior do mundo segundo a revista Forbes.

>>>>>>>>

Mais perto de nós, Armínio Fraga, gestor do Fundo Gávea, "saiu às compras", como anunciou efusivamente a ISTOÉ Dinheiro. Um dos preferidos pelos milionários, esse fundo está abocanhando empresas inteiras e participações. Ficou barato demais. De janeiro até o "crash" de nove de outubro, havia caído em R\$ 1 trilhão o valor das ações na Bovespa.

As ações que mais caíram foram as da construção civil. Algumas empresas terão dificuldades em dar garantias para os financiamentos necessários ao término de suas obras. A ação da Inpar virou pó: despencou 93,6%. Em dezembro a companhia valia 1 bilhão de dólares, e na última terça-feira de setembro, só 61 milhões de dólares. A Abyara perdeu 89% do valor e a Even e Rossi 76%. Mas, de novo, o prejuízo direto não é da empresa que abriu seu capital vendendo ações ao público e sim de quem comprou. Muitas delas estão recomprando as mesmas ações por um décimo do preço que venderam.

Outra fatura da crise caiu na classe média e trabalhadores que colocaram suas economias em títulos de empresas (bonds) ou fundos mútuos e de investimento geridos por bancos em todo o mundo, com exceção dos fundos daqui mais conservadores, que aplicam a quase totalidade de seus recursos em papéis do Tesouro Nacional, com rendimento satisfatório e sem risco de calote. Uma pesquisa do Morningstar Inc. aferiu que 91% dos fundos mútuos em existência nas principais economias perderam dinheiro este ano.

Só a quebra do Lehman provocou prejuízos diretos de milhões. Em vários países, fundos de investimento e fundos de pensão aplicaram um total de US\$ 110 bilhões em "senior bonds" do Lehman, títulos que não tinham nenhuma garantia e hoje valem a metade. Em Hong Kong, quarenta mil pequenos comerciantes e trabalhadores autônomos estão desesperados porque compraram cerca de US\$ 2 bilhões em mini-bonds do Lehman, vendido por uma rede local de vinte bancos como aplicação segura e adequada a pequenos investidores. Mas deles os jornais mal falam. Todas as manchetes são dedicadas aos prejuízos dos bancos e ao pacote que os vai salvar, com dinheiro do contribuinte é claro.

\*Resumo de matéria a ser publicada na próxima edição da Revista do Brasil.

## **Bancos precisam ser controlado pelos governantes, diz Lula**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem (3) que os países devem ter consciência de que o sistema financeiro internacional precisa ser controlado pelos governantes, "como são controlados outros segmentos da sociedade". Segundo ele, além do tema juventude, a crise financeira internacional esteve presente na pauta de discussões durante a 23ª Cúpula Ibero-Americana, em El Salvador.

"Todo mundo está consciente de que é preciso mudar o sistema financeiro internacional, de que é preciso ter controle dos governantes para que a gente não veja nenhum país do mundo repetir os erros graves que foram cometidos pela falta de controle do sistema financeiro, sobretudo a partir do governo norte-americano e do governo dos países europeus", disse.

Em seu programa semanal Café com o Presidente, Lula afirmou que, durante o encontro, fez questão de mostrar que "a única chance de enfrentar a crise com sabedoria" é acreditar e fortalecer o mercado interno, além de aumentar as trocas por meio de mais exportação com países que têm "similaridade" com o Brasil.

"A América Latina vinha vivendo um processo extraordinário de crescimento. Todos os países vinham crescendo. Obviamente que, com a crise financeira, se reduz o fluxo do crédito internacional, o fluxo das importações dos países ricos. Poderemos ter problemas nos países periféricos."

Lula comentou ainda a reunião do grupo conhecido como G-20 financeiro, que vai reunir ministros da área econômica e presidentes de bancos centrais, na próxima semana, em São Paulo. Ele alertou que o encontro é importante mas que não devem ser tomadas decisões definitivas uma vez que é preciso ouvir outros países para uma tomada de posição capaz de ser respeitada e cumprida por todos. (*Agência Brasil, 04.11.2008*)